



# NAS PALAVRAS DOS POVOS, UM MULTILINGUISMO

## MULTILINGUALISM ACCORDING TO THE PEOPLES

### Entrevistas conduzidas pelos organizadores do dossiê

Evandro de Sousa BONFIM<sup>1</sup>

Leandro DURAZZO<sup>2</sup>

Maycon Silva AGUIAR<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professor do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro). E-mail: <evandrobonfim@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia (UFRN). Docente da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisador dos grupos Etapa (UFRN), Opará (UNEB) e Macondo (UFRPE). E-mail: <leandro.durazzo@ufrn.br>.

<sup>3</sup> Professor da Especialização em Gramática Gerativa e Estudos de Cognição do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Editor assistente da Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. E-mail: <mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br>.



De modo a complementar o dossiê “Políticas linguísticas entre povos indígenas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Espírito Santo” realizamos, junto a pensadores e professores indígenas, breves entrevistas que pudessem aprofundar o conhecimento deste volume. O que segue, portanto, são respostas de pessoas envolvidas de distintos modos com os processos linguísticos e educativos de suas comunidades. As entrevistas foram respondidas de forma escrita por algumas dessas pessoas, mas de maneira oral por outras, em mensagens de áudio que depois foram transcritas. Tal variedade explica, em parte, os distintos registros observados nas leituras que seguem.

As respostas vieram de membros das comunidades Kiriri e Tuxá da Bahia, Kariri-Xocó de Alagoas, Fulni-ô e Xukuru do Ororubá, de Pernambuco, e Tapuia Tarairiú e Potiguara do Rio Grande do Norte. As diferentes comunidades também diferem em suas formas de organização social, processos de escolarização intercultural e nível de engajamento com as línguas nativas que mantêm, para além do português. Interessa, nessa leitura, a compreensão de que tais experiências indígenas correspondem a múltiplas formas que as comunidades, sobretudo por meio da educação escolar indígena, têm sido capazes de desenvolver para fortalecer formas linguísticas próprias.



## HÊNIO DA SILVA SANTOS/KRYCHAÒBÓ CRIKYTÉ - KIRIRI/BA

- 1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Eu me chamo HÊNIO DA SILVA SANTOS também conhecido por nome de KRYCHAÒBÓ CRIKYTÉ, na língua Materna, nasci na aldeia Mirandela (antigo Aldeamento Missionário Saco dos Morcegos), estudei o Ensino fundamental I e II e Ensino médio na minha aldeia. Desde de criança meus avós, mãe e tios vêm me incentivando a aprender a falar minha língua materna. Até hoje eles me ajudam nessa área. Hoje sou um dos que possui conhecimento da língua materna KIRIRI e não pretendo deixar acabar essa riqueza e sim enriquecê-la cada vez mais. A língua materna é tudo para mim e para o povo KIRIRI, e um povo sem sua língua não é um povo completo, e sim um povo pela metade. O KIRIRI ainda não tem sua língua materna registrada, mas tem como objetivo registrá-la, ensiná-la as nas escolas, para crianças, jovens e adultos através da oralidade para que assim também tenham uma aprendizagem significativa, afirmando cada vez mais nossa identidade como índios KIRIRI.

- 2) *Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Além do português os KIRIRI falam a língua KIPÉA. Hoje existem poucos falantes da nossa língua, mas esses falantes estão passando seus

conhecimentos para professores e jovens que têm interesse em mantê-la viva. O processo de revitalização aos poucos vem sendo trabalhado e ganhando espaço na aldeia, assim como, a confiança dos mais velhos que vem repassando seus conhecimentos e registrando mais palavras na língua materna KIRIRI.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Sim, além dos rituais, existem índios com outros conhecimentos, como por exemplo, Erveiros, louceiros, raizeiros, caçadores, pescadores, e artesãos e outros que possuem conhecimento na língua materna KIRIRI.

*4) Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

É de grande importância sim, cada povo indígena resgatar e fortalecer sua língua materna, por que a língua é a força e afirmação da identidade originária de cada povo, principalmente para nós KIRIRI.

*5) Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se*



*desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

O processo de fortalecimento da língua materna KIRIRI, é trabalhado através da oralidade de pai para filho e do professor para alunos na sala de aula, também não deixando de citar a grande importância da colaboração dos falantes que são de fundamental importância nesse processo, de resgate e fortalecimento da nossa língua materna KIRIRI.

*6) Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Não irei responder essa pergunta por respeito, e conservação da nossa identidade.

*7) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

É resgatar e fortalecer e repassar o conhecimento pesquisado por professores e jovens, trabalhando em sala de aula e aula de campo e nos momentos vividos em nossa aldeia, ensinando para crianças, jovens e adultos, buscando a melhor metodologia para se trabalhar nessa área.



**GEORGE DE OLIVEIRA SANTOS/ÃRÃRADA CATAÁ TUXÁ - TUXÁ/BA**

- 1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Eu me chamo Ãrãrada Cataá Tuxá (George de Oliveira Santos). Pertencço ao povo Tuxá e vivo na aldeia Tuxá, aldeia-mãe. Sou professor indígena e leciono no Colégio Estadual Indígena Capitão Francisco Rodelas (CEICFR) nas disciplinas de História, Geografia e Língua Indígena. Estou cursando a LICEEI – Licenciatura Intercultural em Educação Escolar indigene. Nasci em Floresta (Pernambuco) em 1981, assim como vários membros da antiga aldeia Tuxá, pois era onde tínhamos melhor assistência à saúde. Depois da divisão do meu povo por causa do enchimento do lago de Itaparica, a minha família migrou para Ibotirama-Ba e depois para aldeia Tuxá no município de Banzaê-BA ao qual o meu registro como Tuxá é pertencente.

O território ancestral da nação Tuxá chama-se Dzorobabé, território amplo que segundo os mais velhos mede 7 léguas da beira do rio em sentido ao raso da Catarina, e 6 léguas seguindo a beira do rio, mas ocupamos apenas 7 hectares desse território. Mas o usamos como reafirmação identitária, espiritual e cultural, carecendo ainda de homologação, tornando minha relação com meus antepassados ainda mais forte, pois participo da organização social, educação, e espiritualidade do meu povo, respeitando e valorizando cada seguimento.



2) *Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Ainda falamos apenas o português, mas algumas palavras da nossa língua ancestral foram catalogadas dentro da comunidade entre os mais velhos. Não tem muito tempo achávamos que a nossa língua ancestral era uma língua isolada que não podíamos reavê-la, mas a partir de um estudo feito pelo o antropólogo Ricardo Salomão Dantas ficou claro que poderíamos se apropriar do Dzubukuá como língua do povo Tuxá, que logo foi levantado materiais para ser introduzido na escola. Recentemente tivemos o apoio do antropólogo Leandro Durazzo que nos incentivou e orientou a organizar um grupo de estudos sobre o Dzubukuá e continuamos estudando e esperamos que um dia consigamos ter a língua Dzubukuá Tuxá como primeira língua. Ainda não temos ninguém fluente na nossa comunidade, mas já adiantamos muita coisa e percebemos que estamos no caminho certo.

3) *Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

O pajé Armando Apako, que ainda fala palavras e frases na língua ancestral do nosso povo, sempre nos disse que poderíamos fazer esse resgate linguístico através da ciência, mas que os sacrifícios seriam grandes, pois



precisaríamos de um grupo que se dedicasse praticamente todo seu tempo para essa façanha. Os artesãos ainda existem na nossa comunidade, não sei ao certo se produzem cerâmicas, mas que produzem vários outros itens da nossa cultura, mas que não falam em seu cotidiano a língua ancestral do nosso povo. A pescaria entre a gente ainda é muito forte, não tão forte quanto antes, mas muitos ainda utilizam os recursos do rio como meio de sobrevivência.

*4) Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

Em meio a tantos olhares duvidosos sobre a nossa indianidade, partindo da visão estereotipada dos não indígenas que carregam tanto em seus traços genéticos quanto ideológicos que indígena tem que ter cabelo liso, andar nu e viver no mato iguais aos nossos antepassados indígenas colônias, a língua ancestral nos traz mais uma característica há muito tirada do nosso povo, nos deixando mais fortalecidos quanto povo.

*5) Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Algumas palavras foram catalogadas entre os mais velhos da comunidade. Mas a partir da organização do grupo de estudos da língua ancestral com o apoio de Leandro Durazzo, Dorothy, eu e minha esposa Tayra estudamos





a língua Dzubukuá partido dos trabalhos de Queiroz e do catecismo índico de Frei Bernardo de Nantes e os seus manuscritos, nos aproximando ainda mais do que será a língua ancestral Dzubukuá Tuxá. Diga-se de passagem, tudo que vamos descobrindo vamos repassando para os alunos do CEICFR. Como disse antes sou professor indígena e pesquisador tanto da nossa língua quanto da nossa própria cultura. Mas precisamos trabalhar em conjunto para validar tais pesquisas, até por que a língua serve para comunicação e precisamos ter as mesma informações para que essa comunicação aconteça...

*6) Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Voltamos às palavras do pajé Armando Apako expressa no questionamento 3, a pesquisa dentro da ciência é a mais profunda e verdadeira e conseguimos observar a língua ancestral entre os wikuhinea que aos poucos estamos conseguindo estabelecer diálogos na língua ancestral tendo entendimentos que nunca havíamos tido antes respaldando toda a pesquisa que estamos executando.

*7) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

No CEICFR a maioria dos professores indígenas são graduados ou estão graduando, como é o meu caso, em sua área, tendo uma boa experiência em linguagem facilitando esse processo de pesquisa e resgate da língua ancestral do povo Tuxá. Esses professores unidos a escola que é na atualidade um dos



maiores multiplicadores culturais, da comunidade, seja ela indígena ou não indígena, são elementos muito importantes nesse processo.

Acredito que temos uma enorme chance de voltarmos a falar a nossa língua ancestral como primeira língua, se unirmos escola, professores e ciências as chances ainda são maiores, espero que o nosso povo entenda isso o mais rápido possível para que possamos unir conhecimentos para chegarmos a nosso objetivo mais rápido.



## IDIANE CRUDZÁ - KARIRI-XOCÓ/AL

- 1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Me chamo Idiane Cruzá e sou da aldeia Kariri Xocó, situada em Porto Real do Colégio/AL. A aldeia Kariri Xocó é fruto da união de muitos povos que se juntaram para resistir a perseguição dos invasores europeus. Aqui temos Kariri, Xocó, Karapotó, Fulni-ô, Pankararu, Aconã e várias outras. A relação com nosso território é sagrada, ele a milhares de anos vem sendo ocupado por nossos ancestrais. Aqui é onde praticamos nossa cultura e espiritualidade. Hoje nosso território é demarcado graças à luta dos guerreiros e guerreiras Kariri Xocó que reivindicaram nosso direito ancestral a nossa terra que infelizmente é uma demarcação menor do que o nosso território original como era no passado. A demarcação deveria obedecer até certo ponto da cidade de Porto Real do Colégio e São Brás, o que não aconteceu.

- 2) *Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Nosso povo fala a língua Dzubukuá-Kipeá do tronco Macro-Jê. Hoje nós temos pessoas fluentes no idioma e as crianças e jovens que estão reaprendendo com nosso cotidiano e com as aulas que acontecem no Espaço

Swbatkerá Dzidé Ayby Arâkié Yndiany Nayly KX, onde eu Idiane, meu marido Kawrã e Nhenhety somos professores. Nós nunca deixamos de falar o idioma, ele apenas sofreu um processo de adormecimento como estratégia para resistir à perseguição que no passado era muita. Ele foi mantido vivo em nosso ritual sagrado e hoje somos livres para falar sem medo.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Além de nossos rituais e vivências de cura temos várias formas de expressar nosso idioma: no canto, nas danças, no nome dos animais e elementos. Além do espaço cultural Swbatkerá Dzidé Ayby Arâkié Yndiany Nayly temos na aldeia grupos de toré que é nosso canto e dança sagrada e traz com força a nossa língua.

*4) Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

A língua não é simplesmente um idioma. Ela tem representatividade cultural, ancestral e espiritual. Com ela podemos nos conectar com a Mãe Terra, nossa Dé Raddá, nossa mata sagrada, Dé Retsé Dycrodcyelé e tudo que ela habita. A nossa língua é completa para nós e nos faz mais fortes.



5) *Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Desde os anos 80 Nhenety, guardião da tradição, vem selecionando vários documentos da nossa língua. Também temos anciãos que ainda falam algumas palavras e que estão nos auxiliando para o fortalecimento. Então é um trabalho que utiliza dos registros escritos e também, principalmente, da sabedoria e da memória, pois a base da nossa língua é pela oralidade.

6) *Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Além do Dzubukuá-kipeá temos vários idiomas, inclusive ocultos nos quais só é permitido serem falados secretamente. Idiomas que nunca foram escritos, nem revelados.

7) *Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

A escola apesar de ser indígena, é estadual e segue um currículo que na maioria das vezes não fortalece nossa tradição. Temos várias matérias, menos uma matéria que incluía a nossa língua e tradição. Isso só nos enfraquece, pois tem a presença de língua estrangeira e a nossa não.

## RANGEL YTOÁ FULNI-Ô - FULNI-Ô/PE

- 1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Olá. Eu sou Rangel Ytoá Fulni-ô. Sou índio aldeado, nasci e cresci aqui na minha aldeia, Aldeia Fulni-ô e o meu povo é um povo ancestral... os nossos antepassados explicam e ensinam a gente, passam pra gente, que a gente, o povo Fulni-ô, ele teve origem de mais de uma aldeia, né? De mais de um povo. Sendo que alguns pesquisadores, eles escreveram que a gente possivelmente tenha sido a junção de quatro aldeias, quatro povos, seriam eles: os, os Fôla, os Fôklasa, os Carnijó ou Carijó e os Brogradá. Mas, particularmente, eu não vejo fundamento nessas afirmações, nesses estudos. Esclareço que esses estudos não foram feitos por indígenas, né? Foram pessoas de fora que vieram, a exemplo do Estevão Pinto e outros. Geraldo Lapenda também, né? Lembrei dele. Eu prefiro dizer que o nosso povo tem o, a junção de dois povos, que são eles os, os Fôklasa, e a tradução dessa palavra, essa palavra é indígena Fulni-ô, é indígena Fulni-ô, os Fôklasa quer dizer Os da Pedra Grande. Fôklasa seria assim, Os da Pedra Grande. E os Fôla seria os Fôla-tatá que habitavam aqui o lugar chamado de Serra Preta. Fôla-tatá quer dizer pica-pau porque esses índios, eles tinham um topete parecido com o de um pica-pau. Falavam, é, a mesma língua dos Fôklasa, sendo o Yaathe com alguma diferença, alguma coisa assim, não totalmente, mas eles se comunicavam. Esses outros povos, os Carijó ou os Carnijó, eu acredito que tenha sido um nome dado por outras pessoas,



por terceiras pessoas. Não, não vejo nenhuma relação direta com isso. E ainda mais os Brogradá, os Brogradá é que eu não vejo mesmo relação, essa palavra eu, não se encaixa dentro do Yaathe e eu não vejo nenhum fundamento deles terem contribuído, mas enfim.

A palavra Fulni-ô, é, dentro do Yaathe, ela seria Fulyydô que seria *fuly*, rio, *dô*, morador próprio daquele lugar, mas como os brancos não sabiam pronunciar essa palavra Fulyydô, eles vieram e começaram a falar Fulni-ô. Fulni-ô, Fulni-ô e assim ficou, a gente aceitou, mas sabendo que, é, a origem da palavra é Fulyydô. Por quê? Porque possivelmente esses, esses Carijó e os Carnijó, dito que eles moravam lá, né? Na beira do rio, do rio Ipanema que corta aqui a área indígena Fulni-ô, é próximo à cidade de Águas Belas. Os Fôklasa habitavam a Serra dos Cavalos e os Fôla-tatá habitavam a Serra Preta. Então, como eu disse aí, espero que tenha deixado claro, não são esses quatro povos. Eu não tenho certeza se são três, mas talvez seja, talvez tenha alguma contribuição com os Carnijó ou os Carijó, mas eu reafirmo: Fôklasa é uma palavra indígena da nossa aldeia, d-do nosso, da nossa língua e os Fôla também, as outras não são. Enfim, somos Fulni-ô e esse é meu povo.

Aqui a gente tá, temos quatro aldeias, é, atualmente somos quatro aldeias, duas é de ritual, ritual religioso, e outras duas a gente mora. Moramos assim a maioria do tempo. Nesse caso, nove meses a gente mora na aldeia, aldeia grande, e entramos num retiro religioso durante três meses, os meses de setembro, outubro e novembro, aonde a gente vai reviver a nossa ancestralidade, as nossas culturas com mais afinco, com mais dedicação. E daí eu já até me estendo à questão da nossa relação com nosso território e digo que a nossa relação com o território é umbilical porque a gente nasceu dessa terra e vivemos nela até hoje, sendo que a gente não cortou esse cordão

umbilical, nem queremos. É uma terra seca, é difícil pra água, mas é aqui que nasceu a nossa semente, é aqui que está a nossa história, a nossa cultura, o nosso povo, os nossos antepassados em memória. E eu posso até dizer que território e antepassados estão naturalmente ligados. Esse território é herança dos nossos antepassados, é, defendidos e conquistados a, a gotas de sangue, né? Foram muitos antepassados, nossos antepassados foram massacrados, humilhados pelos então os coronéis das épocas que vieram, os primeiros coronéis aqui habitar a cidade de Águas Belas, que está dentro do território indígena Fulni-ô e durante muito tempo a gente não tinha, nossos antepassados não tinham direito de, de viver junto. Esses coronéis das épocas, eles mandavam seus capangas atear fogo nas casas de palha, estuprar as índias, matar os índios, roubar criança e, com isso, o nosso povo se dividia muito. Daí então apareceu um padre chamado de José Alfredo Dâmaso, capelão do exército, se comoveu com a história e passou a ser um defensor, lutando pelo nosso território, pela reafirmação do nosso território, é, alegando que os nossos antepassados chegaram a lutar na Guerra do Paraguai, aonde quase a aldeia toda, aliás, todos os homens da aldeia foram pra luta e não voltaram. Então o padre Alfredo Dâmaso viajou, conheceu os irmãos Villas-Bôas e conseguiu afirmar onze mil hectares de terra que hoje são as nossas terras, sendo que a gente sabe, temos a convicção, a certeza de que o nosso território é bem maior e digo mais, pra nossa cultura se manter, a gente precisa de mais territórios. Por quê? Porque aqui, as cidades vizinhas das Águas Belas, que é a cidade que está dentro do nosso território, o pessoal aqui eles trabalham com agricultura, com pecuária e isso acaba o bioma, né? A caatinga e os meios naturais. Ficando difícil pra gente, nós Fulni-ô, manter a cultura. Então assim, eu reafirmo que nossas





terras não são demarcadas pela FUNAI. A terra que a gente tem hoje em mãos, a gente defende essas terras, preserva, são onze mil hectares, mas foram conquista do esforço, do sacrifício dos nossos antepassados juntos aos nossos benfeitores como o padre Alfredo Dâmaso e outros.

*2) Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

A nossa língua é uma língua nativa, eu diria, eu gosto de falar a palavra primitiva, que eu acredito que vem da primeira ativa da língua. Alguns estudiosos dizem que o Yaathe, que é o nome da nossa língua, ele tem tronco linguístico com o macro-jê, mas eu acho que não. Eu acredito que a língua Fulni-ô Yaathe, ela tem, ela seja o próprio tronco. Mas enfim, a palavra *Yaathe* quer dizer “a nossa fala, a nossa boca”. A língua tem como estrutura a nova lógica e eu afirmo que seja por isso que, apesar de tanta mudança cultural, do nosso modo de vida, a nossa língua se mantém viva, a gente adapta ela aos dias atuais. Eu gosto de dizer que, por exemplo, lá atrás, os nossos antepassados, falavam com o meio em que eles viviam, com tudo que eles tinham. Hoje a gente tem coisas diferente, né? Hoje a gente tem, por exemplo, ventilador ou ar-condicionado, então na língua a gente adapta ela, por ela vir duma nova lógica, né? É um neologismo, falando, por exemplo, *xumayanêhô*, o que faz vento, ou seja, ventilador; ou *xyaanêhô*, o que faz frio, o que produz frio, ou seja, o ar-condicionado. Assim, a nossa língua se mantém forte e viva nos dias atuais e a gente mantém muitas pessoas fluente, falando na língua, não só velhos, não só os nossos anciões, os nossos



detentores do saber mais aprofundado, mas os jovens e até crianças falam a língua através dessa... eu diria que dessa estrutura lingual, né?

Além disso, o Yaathe, claro, como qualquer outra língua, durante o correr dos tempos sofre influência de uma língua estrangeira. Eu consigo identificar, a gente consegue identificar algumas palavras que vem como uma mistura entre o português e o nosso Yaathe, né? Como por exemplo, o papel. A palavra papel. Então os nossos antepassados não falavam papel, eles traziam um pouco pra o Yaathe aí eles falavam papelá e terminou ficando *wapelá*, sendo que ela passa a ser uma palavra no vocabulário indígena Fulni-ô porque só é encaixado aqui, ou seja, papel hoje é *wapelá*. Temos outras palavras pra citar como exemplo de estrangeirismo, como igreja que ficou *klêxa*, que seria igreja, *yklêxa*, terminou ficando *klêxa* e outras também, né? Como eu posso citar, como por exemplo, ontem, *untymã*. Anteontem, *antuntymã*. E do mais, são estruturas como qualquer outra língua, né? Dos tempos, os verbos que, que, que toda e qualquer língua precisa.

Temos também, como forma de expressar as partículas de conversação. Eu explico dessa forma, né? Partículas de conversação, aonde você pega uma palavra solta e você, juntando com aquela partícula, você vai dando sentido ao que você quer falar. Por exemplo, a partícula *mã* expressa interrogação, mas se eu quero perguntar se aquela pessoa tem fome, a palavra fome por si só é *dôôkea*, aí se eu quiser perguntar se ela tem fome, eu posso falar *dokêêa-mã* porque o *mã* é a partícula de interrogação. Aí eu posso manter a palavra *dôôkea* e posso trocar por outra partícula de conversação, por exemplo, *wa*, que quer dizer o pequenininho, o inho, esse inho, esse inha que a gente usa na fala, então eu posso dizer *dôôkea-wa*, ou seja, fominha e assim a gente vai se comunicando.



Reafirmo que a língua, Yaathe, somos falantes, somos bilíngue, somos um povo bilíngue, falamos fluente, usamos no dia a dia, principalmente nos três meses de retiro religioso, aonde a gente vai mais pra dentro da caatinga, vive isolado, não temos energia, não temos água encanada, não temos esgoto, enfim, vivemos em casinhas pequenas, todo mundo próximo um do outro e... Homem é separado de mulher. Existe lugar pra homem dormir e lugar pra mulher dormir, porque não é permitido que haja relação homem e mulher, assim como é proibido bebida alcoólica ou qualquer tipo de farra, nesse sentido. A gente vai pra reviver a nossa história, a nossa cultura, os nossos ensinamentos passados de geração pra geração e assim a gente, uma das maiores expressão cultural do nosso povo é a língua, o Yaathe, que pode se dizer que também é a nossa mãe, a nossa mãe cultural, a nossa língua, aonde a gente pode mostrar a nossa identidade. Pode nascer com cabelinho enrolado ou até loirinho do olho verde ou azul, mas se tem a cultura, se nasceu aqui dentro, então é índio, é Fulni-ô porque eu volto a lembrar que nossos antepassados sofreram muito com as questões de estupro. Então ficou meio que, ficou impossível não ter a mistura de raças, né? Mas é uma questão física, né? Que o mais importante é o que a gente contém dentro da nossa essência. Então o índio Fulni-ô, o verdadeiro, num é exatamente aquele que tem o cabelo liso, o olhinho puxado, a pele bem morena, claro que existe muitos índios assim aqui, mas também existe muitos índios com fisicamente características diferenciada, né? Com o cabelo mais loiro ou até enroladinho, mais branquinho, mas que nasceu, se criou e absorveu toda a cultura, toda a essência do povo Fulni-ô. Então é um Fulni-ô como qualquer outro.



3) *Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Além do ritual religioso que é de setembro a novembro, temos toda aqui na aldeia grande durante os, o restante dos meses de dezembro a agosto, principalmente no mês de abril, existe muitos grupos culturais aqui que viajam o Brasil todo e até pra fora do país, mostrando a nossa cultura, os nossos cânticos, a nossa língua, os nossos artesanatos, o nosso modo de vida, que passa pras pessoas um pouco do que é a cultura Fulni-ô, do que é o povo Fulni-ô. É, além disso, é, nos dias atuais, é, existe o Coletivo Fulni-ô de Cinema e outros grupos também que trabalha com as mídias, fazendo filmes pra que fique registrado as nossas histórias, as histórias que a gente ouviu dos nossos antepassados e também vivências. Esses filme fala de como é o nosso, nosso desafio de viver em terra seca, o desafio de manter preservado a nossa cultura, é, a retirada da palha do coqueiro Ouricuri e, assim, a gente mantém a nossa cultura viva. Eu costumo dizer que antigamente os nossos antepassados passavam a cultura através da oratória e, e pelo exemplo, levando o indivíduo, o indivíduo indígena, pra uma caçada, pra uma pesca, falando da sua, das suas experiências em relação ao dia, ao dia a dia e à religião. Hoje a gente vive um pouco diferente, a gente tem que se adaptar à cultura não-indígena pra que a gente sobreviva, não tem condições da gente se manter como os nossos antepassados se mantinham. Nossas serras, nossas caatingas tão muito



degradadas, nossos rios estão escasso, caça, peixe, a matéria-prima. Mas, mesmo assim, a gente ainda pratica esses tipos de atividade. A pesca de mão, por exemplo, aonde o pescador Fulni-ô não usa nenhum tipo de ferramenta ou artefato pra fazer a sua pesca, ele pesca no mergulho pra ir pegar o peixe na, na morada do peixe só com a mão. Hoje, ainda hoje a gente pratica esse tipo de pesca e é muito divertido, junta um monte de rapaz, de homem, de velho, de criança, a gente vai, faz essas pescaria e termina fazendo por lá mesmo a comida e ali mesmo a gente come. As caçadas era através de armadilha, essa tá mais escassa. Não se vê mais tanta gente caçando como antigamente, até porque não existe tanta caça, né? Bem pouca mesmo, a gente prefere até que preservar esse modo, só que eu, o conhecimento em relação ao modo de caçar a gente mantém, a gente repassa. Como eu disse, a gente procura fazer filmes com essas vivências pra que não se perca, não se dissolva no tempo e que a gente mantenha vivo essa identidade cultural.

*4) Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

A importância do resgate de uma língua indígena pra mim é vital, vital praquela cultura, pra cultura daquela, daquela aldeia. A gente aqui no Brasil temos muitas aldeias, muitas etnias, muitas línguas e a gente sabe que muitas delas foram extintas, se dissolveram no tempo através da opressão e quando se morre uma língua, se morre a alma daquele povo. Tudo que é cultura é cultuado de geração pra geração e assim identifica



cada povo, cada especificidade, cada exclusividade que cada um, que cada um temos. Imagina-se que pra que essa língua, ou toda e qualquer língua indígena, tenha sido elaborada, tenha sido criada durante muito tempo, ao longo dos tempos, é, é um processo muito longo de afirmação, de ficar concreto naquele povo e, pra mim, é uma tristeza profunda falar da morte de muitas e muitas línguas da, da, do nosso povo indígena brasileiro. Então eu volto a dizer que é como se matasse a alma, da cultura daquele povo porque a principal identidade de um povo é o seu modo de comunicação, é a porta de entrada, é a casa que abriga. Eu falo com muita tristeza em relação aos meus parentes, nossos parentes aqui do, do Nordeste, aqui de Pernambuco, de onde eu sou, de onde a minha aldeia é, aonde só Fulni-ô mantém a língua. A gente sabe que muitos dos nossos parentes hoje estão trabalhando com, com o resgate da língua e eu apoio, dou maior incentivo, porque vejo no dia a dia o quanto é importante a nossa língua. É algo exclusivo, é apenas nosso. Temos o dever de honrar pra manter viva a nossa língua. Então eu digo que a importância é vital, eu não vejo outra palavra pra expressar essa questão do resgate da, da, das línguas indígenas aqui do, do Brasil e, como a língua colabora pra manter a cultura, eu diria que é o tronco de toda a cultura. Eu tenho certeza que existe é, é, dentro da cultura de cada povo, é, existe coisas que só pode ser expressada na língua daquele povo. Então, dessa forma, é, é como se fosse o tronco dessa árvore que de, em relação à colaboração, pra que aquela identidade cultural se mantenha viva.

*5) Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se*



*desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

O processo de fortalecimento da língua daqui do meu povo é principalmente através da conscientização, aonde cada família, desde já, conscientiza a sua criança, o seu filho, sobre a importância da língua. E esse fortalecimento, ele tem uma expressão maior durante os três meses de ritual, é aonde fica evidente a necessidade do conhecimento, da fala da nossa língua, aonde a gente vê a real importância da nossa língua, do Yaathe.

*6) Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

[Essa] pergunta se a língua ancestral é falada em rituais: sim, é, ela é usada em todo, em todo contexto cultural indígena Fulni-ô, desde o dia a dia, marido e mulher, pai e filho, comunidade, assim como nos rituais religiosos e, dessa forma, a gente mantém o fortalecimento, a gente mantém a língua forte, viva, atuante e mantém sempre acesa em cada um dos nossos, dos nossos indígenas. Apesar de que não são todos que falam, mas, é, a maioria fala a língua, uma grande parte, grande mesmo, fala fluente, usa até no dia a dia, prefere o Yaathe a ter que falar o português. Inclusive, ainda hoje em dia, existem velhos e velhas aqui na nossa aldeia que não falam direito português, falam bem pouco, e se for falar português com eles, eles mal vai entender. A exemplo de uma velhinha que foi se consultar com o médico e ela entendia assim algumas coisas do português e quando o médico perguntou



como é que ela estava, ela respondeu no Yaathe assim naturalmente, né? Tinha que ter uma pessoa pra traduzir pra o médico nesse caso. Existe muitas pessoas aqui, assim ainda que usa diariamente e prefere usar o Yaathe. A nossa juventude se depara com um conflito de cultura, né? Então faz muito uso do português, mas tendo a consciência sobre a nossa língua.

*7) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

O papel dos professores e da escola no processo de manter, no nosso caso é manter, né? Não seria o resgate da língua, seria manter, é a questão da conscientização. A gente tem aqui nas nossas escolas de Fulni-ô a língua materna, que é o Yaathe, como uma matéria da grade curricular, isso foi um direito que a gente adquiriu, se eu não me engano em 2010. Foi adquirido esse direito de ter na grade curricular, ao invés de língua estrangeira, ter a nossa língua materna. Então é currículo hoje nas escolas Fulni-ô, a língua materna. Assim como nas casas, no Ouricuri, em pescarias, em caçadas, em caminhadas na caatinga, nas danças culturais, na Cafurna, no Toré, a gente usa muito o Yaathe. A própria letra do Yaathe fala sobre conscientização em relação à natureza, à preservação das terras, das águas, em homenagem aos grandes guerreiros, grandes lideranças. As letras das nossas Cafurnas falam sempre isso, o quanto é importante preservar a natureza, a língua, a cultura e a escola não foge desse papel. A escola tá inserida dentro com toda, com todo compromisso, toda responsabilidade, elaborando projetos, é, tendo aula diária como outra matéria, assim como português, a matemática e as outras ciências.





A língua materna é matéria nas nossas escolas aqui de Fulni-ô. Desde muito pequeno os professores já voltam a ensinar a língua materna, dos pequenos até o pessoal se formar, se sair, sair das nossas escolas pra um ensino superior. Então esse é o compromisso, esse é o papel das nossas escolas, dos nossos professores, da nossa comunidade. Finalizando, eu diria que é uma missão que a gente tem que cumprir com honra, uma missão dada, deixada pelos nossos ancestrais, nossos antepassados e a gente como guerreiro, como índio Fulni-ô, temos que honrar e fazer essa nossa história seguir adiante até tempos infinitos. Eu agradeço a oportunidade, é, de esclarecer, mostrar um pouco da nossa cultura, do que é o povo Fulni-ô. A gente entende que o brasileiro, é, tem muito pouco conhecimento sobre as nossas culturas, as nossas culturas quilombolas, as nossas culturas indígenas, os ribeirinhos, os nordestinos que, que vivem lá no, no seu terreno no sertão. Enfim, a gente é focado muito pras grandes metrópoles e, e é meio que contagiado pelos países de fora, as outras culturas, que vêm de certa forma, no meu ver, subjugar, né? O que eles chamam de culturas inferiores. No meu ver, cultura, nenhuma é inferior, toda cultura é especial para o seu povo, para o seu membro e as indígenas não são diferente. Então, por esse motivo de poder esclarecer, mostrar um pouco, falar um pouco da nossa cultura, eu agradeço a oportunidade. Espero, quem sabe lá na frente, poder contribuir mais com esses projetos. Obrigado.



**RIDIVANIO PROCÓPIO DA SILVA - XUKURU/PE**

1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Sou Ridivanio Procópio da Silva, nascido no dia 10/09/80 em Recife-PE. Os Xukuru estão localizados no município de Pesqueira na serra do Ororuba. Meus Ancestrais migraram de Pesqueira para Recife e São Paulo e RJ, nos anos 1950. Nessa mesma época, três irmãos Xukuru foram para o RJ falar com Getúlio Vargas sobre o conflito com os fazendeiros e posseiros das áreas. Foi instalado o posto em 1955, mas não houve mudanças significativas para o povo; ainda havia perseguidos e torturas e mortes. O Cacique Xikão e o pajé Zequinha reuniu o povo novamente e fez a primeira retomada em 90, e todo ano fez as retomadas do seu território tradicional novamente até ser assassinado em 1998. No dia 20 de Maio, conheci Xikão numa palestra aqui em Recife em 1997, foi quando conversei com meu avô, e ele falou que toda família era de lá da Serra do Ororuba, também é Xukuru. Desde então venho estudando a língua do povo. Já em 2006 fui para aldeia em busca de algum parente. Na caminhada conheci as lideranças. Em 2007, após falar com Marcos Xukuru, o cacique atual, fui para aldeia e falei o meu desejo de ser reconhecido pela comunidade. E as lideranças perguntaram se eu queria morar lá, mas naquele momento não podia, pois tinha meu povo aqui que eu deveria organizar e voltar para luta. Desde então vou para aldeia participar das festas e costumes da comunidade. Aqui em Recife não só Xukuru vive aqui, tem Potiguara,



Karapoto, Wasukokal e outros. Eu e Kyalonan realizamos alguns encontros com indígenas que estão em Recife, para continuar a cultura e costumes em Recife, pois somos indígenas dentro e fora das aldeias. Já em 2018 formamos o coletivo Karaxuwanassu indígenas em contexto urbano. Em 2021 formalizamos Assicuka-Associação indígena em contexto urbano, a primeira do Brasil também com atuação nacional. Também formamos uma nova etnia com a união de vários povos e criamos Karaxuwanassu, povos esses Karapotó, Wasukokal, Potiguara, Fulniô, Pankararu e outros. Aqui na Metropolitana de Recife, a nossa Cacica Kyalonan, e estamos agora em busca da vacina para os indígenas em contexto urbano.

*2) Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Por conta de vários conflitos e perseguições, a língua está adormecida, mas hoje o povo está de volta aos estudos. Fiz um projeto que venho desenvolvendo com o blog <http://jurunaxukuru.blogspot.com.br> projeto Resgatando Nossa Língua Ancestral, com objetivo de revitalizar a língua Brobó e produzir materiais que sirvam de apoio aos professores indígenas.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e*



*pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Tanto em Pesqueira e aqui temos muitos artistas, em Pesqueira formaram vários grupos culturais como: Teatro Mandarú, grupo de Coco Xener de Jurema, grupo de pífano Mandaru, e tem vários outros, também a cerâmica também e trabalhamos até grupo de cinema.

*4) Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

Para mim é um resgate de toda história e a identidade de um povo, é fortalecimento da cultura ancestral da comunidade falante.

*5) Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Já falei acima, mas ainda está em processo. Quando Xikão formou o conselho com os professores e lideranças, ele quis que os jovens fossem em busca desse resgate, com os mais velhos. Em 2010, fiz o blog para os jovens estudarem, fiz a cartilha e um livro, pretendo me formar em linguística indígena.



*6) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

Xikão falava da importância da escola para Comunidade, pois antes quem ensinava era os brancos, agora que ensinam são os xukuru, um local para difundir a cultura do povo.

**MEYRIANE COSTA DE OLIVEIRA - POTIGUARA/RN**

1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Eu sou Meyriane Costa de Oliveira, tenho 41 anos, sou Potiguara do Rio Grande do Norte e aldeada há oito anos, um pouco mais, na aldeia Katu dos Eleutérios. Sou de um outro tronco, em Extremoz, e sou estudante em licenciatura em Educação do Campo, professora de tupi, sou artesã, mobilizo mulheres aqui na minha comunidade. E a relação com o território é de pertencimento; apesar de não ser nascida nesse território mesmo, propriamente dito, mas eu me pertencço porque quando falam de território indígena eu vejo o RN, eu não consigo ver pedaços que o homem branco dividiu, eu vejo o RN inteiro. Então eu tenho uma relação muito forte com o RN. Eu me sinto em casa quando vou pra outra aldeia, tenho muitas amigas indígenas e não-indígenas, mas que se fortalecem, mulheres negras também, então eu tenho essa relação porque eu também tenho ancestralidade negra, não sou filha só de indígenas. Então eu vejo que eu tenho essa relação forte com meu território, o RN, acho que é assim que eu posso dizer.

O território que eu moro não é demarcado ainda e a gente luta e resiste para que um dia nosso território aqui e outras localidades e outros territórios no RN também sejam demarcados. Meus antepassados, né, falei um pouquinho, eu também sou de origem negra por parte de avô, ele dizia que era filho de índio e negro, então é aquela região ali a família é muito grande, aquela região de Extremoz e Ceará-Mirim. Então assim, eu



estou juntando um enorme quebra-cabeça, estou fazendo essa retomada começando por mim, quebrando a invisibilidade quebrando a timidez, a negação, rompendo com isso, né? Me afirmando. E isso traz muita força para os meus familiares também, o despertamento. É isso.

*2) Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Nós somos falantes do português, que eu digo que foi por obrigação. Infelizmente a nossa língua materna, de origem, que é o Tupi antigo, nós estamos em processo de recuperação. E poucos querem falar, querem recuperar, é opcional e nas escolas a gente ensina o Tupi antigo para os alunos do fundamental. Então está havendo esse trabalho de formiguinha de se recuperar... Algumas palavras falamos naturalmente, nem sabemos que falamos Tupi antigo ou alguns não sabem que é Tupi também, então a gente está nessa retomada da língua, nas escolas indígenas com as crianças.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Acho que não. Aqui na aldeia não tem assim outra atividade que trabalhe a língua dos antigos. A gente canta algumas palavras no Toré.



4) *Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

Para mim é importante porque é uma recuperação não só de memória, e... de falar, mas é importante... de respeito, por ser uma questão de respeito com a memória dos nossos antepassados que infelizmente tiveram sua língua cortada. Para mim é como se fosse reparação, é questão de justiça mesmo,

5) *Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Esse processo começa com a identificação a partir do que nós já falamos, e aí depois as crianças aprendem novas palavras e a gente vai trazendo esse vocabulário para a vida cotidiana presente nos espaços da casa né, através de algumas músicas que a gente cria pra dar aula, poema, e a gente procura alinhar esses registros, trazendo para o cotidiano da gente. O método que a gente usa é o método moderno de Tupi antigo, que foi uma pesquisa muito bem organizada pelo Navarro a partir de registros mesmo dos padres, de catecismos do período colonial, Anchieta, uma grande referência, e aí gente vai trazendo para a nossa vida diária.





6) *Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Tem um iniciante de pajé que ele fala algumas palavras nos seus rituais. Mas também é só esse caso que eu conheço, que é o Mukunã. Ele tá se iniciando, ele é pajé iniciante né, aprendendo, se encontrando com a força dos encantados. Mas assim, não conheço que seja utilizada nos rituais, a língua Tupi assim, só esse caso, essa exceção.

7) *Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

O papel da escola é muito importante, porque a comunidade gira em torno da agricultura e da escola, da comunidade escolar né, da escola para o mundo. Tem uma responsabilidade muito grande da escola e dos professores na comunidade nesse processo de conscientização, de valorização, de promover a nossa educação indígena para dentro da escola, para passar a ser educação escolar indígena e haver essa força nessas mãos. Não só a escola no formato escola, mas a escola da vida né, a floresta é nossa escola, as falas dos nossos avós, pais, mestres aqui, parteiras, essa é a escola indígena, educação tradicional indígena, então haver essa colaboração com a escola convencional e depois colocar ela no formato de escola instituição. Mas para o indígena eu não posso tentar separar isso, eu tenho que valorizar de forma específica, diferenciada e específica, essa sabedoria.



**FRANCISCA BEZERRA/TAINAÇÃ - TAPUIA TARAIRIÚ/RN**

- 1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Sou Francisca Bezerra. Meu nome indígena é Tainaçã. O nosso povo existe aqui há milhares de anos, né? E, infelizmente, com a chegada dos colonizadores nós tivemos que recuar por muitos anos, muitos e muitos anos. Tivemos que dar um passo pra trás, até mesmo de esconder a própria história. Até mesmo de muitos de nossos parentes acreditar que não tem sequer origem indígena, pelo fato da forma como foi, né? Porque nossos antepassados deixou um pouco... eu não digo que foi vergonha de dizer que era indígena, e sim foi preocupação, precaução. Eles tiveram que se precaver pra que nosso futuro fosse garantido. Uma garantia de vida, uma forma de garantir a vida. Porque nosso povo foi muito massacrado, muito perseguido, muito humilhado. Nosso povo foi caçado como se caçava animais na época, né? E isso, nossos antepassados tiveram que nos recuar como garantia de vida, pra garantir a vida dos seus curumim, a vida do seus povo. Então não foi diferente com a gente. Hoje, no nosso mundo de hoje, a realidade é essa, a perseguição continua. Continua a questão da matança da nossa cultura, da matança da nossa língua. Isso tudo continua, só que de um outro formato. Mas continua.

Então, nosso povo, onde nós vivemos. Vivemos aqui, na aldeia Taparã [em Macaíba e São Gonçalo do Amarante/RN], num território que não é ainda demarcado. Não temos uma educação escolar indígena; não temos uma escola regularizada como escola indígena, em pleno século 21... e nós estamos aqui



desde que nascemos, né? Aliás, nós somos milenares, né? Nossa história é milenar, há mais de mil anos. Mas enfim, foi a história dos colonizadores, dos mentirosos, dos falsos que só quiseram tirar a nossa riqueza, que prevalece hoje no nosso país. Que prevalece no nosso estado, que prevalece na nossa cidade, né? E que prevalece também dentro das nossas aldeias, porque nós também, como vivemos com população não-indígena (tem os indígenas e tem os não-indígenas), e a gente percebe na fala, a forma como eles fala, como se quisessem nos calar, nos matar. Ainda coloca dúvida na nossa cabeça, “ah, vocês são indígenas mesmo?” Aliás, coloca dúvida na cabeça de vários povos indígenas, porque são indígenas, mas pelo fato da história, dos antepassados deles ainda não ter esse domínio, esse conhecimento, esse empoderamento, acabam que indo junto com eles. Junto com essa questão de acreditar que por ser indígena você tem que andar enfeitado, por ser indígena você tem que morar numa cabana, numa oca, por ser indígena tem que sobreviver apenas da caça e da pesca. Enfim, essas falas mesquinha, né? Que nos deixa muito a desejar, e que dá uma revolta, sabe? Porque nós não estamos aqui pedindo nenhum favor, né? Nós estamos solicitando, pedindo um direito que é nosso. É só eles respeitarem as leis que a coisa passa a funcionar.

Então, meu território, nós temos, hoje morando dentro do território do Tapará, 163 famílias indígenas, mas tem também os que não são indígenas. Mas esse quantitativo eu não tenho, dos brancos. Mas são poucos, são menos do que os indígenas. Isso dá pra mais de 700 pessoas, só indígena. E tem os Tapuias também espalhados nas comunidades, na cidade, morando em Natal, na zona urbana. Ao todo, na pesquisa que fizemos, de acordo com o que eles vieram e disseram “olha, eu sou parente”, de acordo com o nosso sangue, com o sangue, né, sanguíneo, que a gente valoriza muito o sangue...

e aí nós tamos com 205 famílias, só que 163 morando na aldeia, dentro da comunidade. E tem os que estão fora da comunidade, né? Que são os Tapuia que não estão hoje morando dentro da comunidade.

*2) Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

Infelizmente nós perdemos sim a nossa língua porque os nossos avós, os nossos bisavós, os nossos antepassados foram domesticados, né? Eles foram pegos à força. Aliás, as índias foram estupradas, não é isso? Algo que você pega à força é estupro. Então elas foram pegas à força, foram levadas e domesticadas pra perder a língua até aprender, na marra, o português. E o nosso povo Tapuia foi o mais massacrado ainda, porque nós fomos os que mais resistimos ali, estivemos na resistência. Não pactuamos com os colonizadores, a gente não fez esse acordo pra trair o nosso povo. Então nós fomos os mais massacrados, foram os Tapuias. E perseguidos a ponto de perder a nossa língua. Perder e não perder, né? Porque graças a deus nós estamos sim recuperando a nossa língua nativa, que é o brobó, certo? O brobó. E nós já vamos com a terceira etapa do Saberes Indígenas na Escola, e nós estamos contando, colocando no papel a nossa história, as nossas vivências, a nossa convivência. Estamos produzindo o nosso próprio material pra ser trabalhado dentro das escolas, pra ser trabalhado dentro da própria escola, pra que o que nós passamos os nossos curumins não venham passar. Que eles tenham a garantia da sua língua, tenham a certeza do seu povo, das suas origens. Então nós estamos, hoje, bem participativos. Não estamos



fluentes ainda, bem fluentes na nossa língua nativa, brobó, não estamos... É uma língua bem... não é difícil, ela é fácil de aprender, mas assim, como tudo começa na educação, na educação nós não temos essa liberdade, esse espaço. Por que nós não temos essa liberdade e esse espaço? Justamente porque as secretarias de educação não prioriza. Não prioriza os profissionais da comunidade que estão fluentes na língua nativa, que estão pronto ali pra fazer uma abertura de uma dança de um toré, que não é vergonha. Porque, me diga, como é que pode a gente ser índio, né, nós tamos aqui, eu sou indígena e tenho medo de entrar numa roda de toré? Eu sou indígena e não posso aprender a minha língua nativa? Eu sou indígena e não posso fazer uma oração em brobó? Por quê? Tá entendendo? E é como se quisessem calar a nossa voz, como se quisessem matar a nossa resistência. Ou então tão querendo a gente só como enfeite? “Ah, no Tapará tem indígenas. Em Capoeiras tem a comunidade quilombola...” Eu digo que a nossa cidade, Macaíba, é a cidade mais rica. Macaíba é indígena, essa é a verdade. E ela é muito rica porque nós tem duas comunidades tradicionais altamente declaradas. Aliás, duas não, quatro, viu? Porque eu tô falando da minha aldeia porque você tá me questionando, mas temos aqui Lagoa do Mato e tem Ladeira Grande, que são também comunidades indígenas, e tem Capoeiras, né? Então Macaíba ela é rica de cultura. Só tá faltando o quê? Oportunidade. É isso que tá faltando. Dentro da nossa história, pra que nossa história seja de fato contada pelo seu povo. Tá faltando oportunidade.

Então, nós tamos fazendo toda uma recuperação, sim, da nossa língua nativa. Hoje, eu, por exemplo, não sou fluente, não falo bem o brobó. Eu sei bem os cumprimentos, né? Mas nós tamos sim fazendo, aqui, um levante pra que a gente, duas vezes no mês, esteja se organizando só pra estudar,



pra população ficar mais fluente. E a gente conta, também, com o apoio dos professores. Hoje quem está mais fluente e trabalhando mais, com muita sabedoria, com mais influência, eu quero dizer (e que realmente está tirando a ideia da cabeça, colocando no papel e indo pra prática, dentro das escolas) é a escola Georgina, pelo município de São Gonçalo do Amarante. Somos duas comunidades, a gente faz parte de duas comunidades, tanto São Gonçalo como Macaíba. E hoje, quem recebe mais, quem está tendo mais aula em relação a mais recuperação dentro da nossa língua nativa é o município de São Gonçalo do Amarante, que é uma riqueza.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Aqui dentro da nossa aldeia, respondendo sua terceira pergunta, além dos rituais que é o toré, existe sim grupos de atividade trabalhando nossa língua nativa. É na escola, como eu tinha te dito antes. Por enquanto a gente tá só na ideia de se reunir em grupos, de formar uns três grupos pra estar trabalhando com os adolescentes também para a recuperação da nossa língua nativa. Mas para além da nossa língua nativa, nós temos também grupos de capoeira, um educador popular (ele não tem formação acadêmica, mas uma pedagogia da vida. Aliás, uma pedagogia, a pedagogia da vida ele tem, tanto que ele é um educador popular) e ele dá aula sim pra crianças, e isso vem fortalecendo muito a nossa cultura. Ele faz um



belíssimo trabalho. Nas sextas e no domingo ele está lá com o grupo de crianças, tem até criança, né? Ele só não acompanha aquelas criancinhas pequenininhas que depende do adulto para ir no banheiro. Mas a partir do momento que a criança, o indígena, ele aprende a ir sozinho, por exemplo, no banheiro, sem precisar dele ajudar, então aí já tá recebendo as crianças. Então é muito bom o desempenho dele. Para além do grupo de capoeira, aí é essa organização que nós vamos fazer e não fizemos ainda por causa da pandemia. Porque praticamente a gente não tem tempo, as pessoas não deixam em paz. Aqui nós temos um pequeno grupo de lideranças onde eu sou a cacica, né? Mas temos as lideranças porque a gente não consegue caminhar sozinho. Então a ideia é essa, formar grupos, a gente formou, mas com a pandemia nós recuamos, que é justamente da recuperação da nossa língua nativa, das nossas atividades como por exemplo, das nossas danças nas datas comemorativas. Em tudo. Enfim, a gente tá sempre buscando essa grande... Tá sempre movimentando dentro da nossa comunidade. Nós temos também a Feira Cultural, que hoje faz dois anos que a gente não realiza a Feira Cultural, e aí é um momento também de mostrar toda nossa capacidade. Então, dois anos com a pandemia não temos, ano de 2020 e 2021.

Então, nós temos artesãs aqui sim, que fazem bruxinha, colar, que faz cocar também. Temos sim pessoas também que pesca, que caça, né? Temos sim essa rede, esse grupo de pessoas que ainda caçam e pescam... Temos pessoas, aqui, que fazem mesa... não trabalham com cerâmica. Trabalhavam, mas deixou de trabalhar. Então faz mesa, essas coisas assim. E temos também um grupo de artesanato que trabalha com garrafa pet... Faz aquelas vassouras de garrafa pet. Tá reutilizando, né?



4) *Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

Então, a língua do nosso povo, em geral, nós ainda não conseguimos utilizar tanto, tanto, entendeu? Porque é muita coisa. Faz apenas uns dois anos que nós tamos na recuperação

da nossa língua, sabe? Aliás, vai fazer três anos. E como é só um pequeno grupo, a gente precisa sim estar mais aperfeiçoado na nossa língua, né, mas aí a gente precisa fazer esses estudos, formar grupos pra estar se reunindo, pra gente ficar mais fluente na língua nativa. Por enquanto... Mas temos sim, professoras... Temos uns cinco, aqui dentro da comunidade, que são bem fluentes na língua nativa.

Pra mim, a importância do resgate, do fortalecimento da língua indígena, vejam bem, é justamente isso. Porque faz parte da nossa vida. A nossa língua nativa, ela faz parte da nossa vida. É algo que é fundamental pra gente. É uma riqueza. Respeito também, para o nosso povo. E uma necessidade dos nossos indígenas. Primeiro, pra que a gente tenha esse domínio, e que é algo que nos faz fortalecer cada vez mais as nossas lutas. A língua, porque ela é a nossa... faz parte da gente, né? É algo que, sem a nossa língua, a gente não vive. E hoje, o que nós temos de influência da fala é o português, que não foi nosso povo que deixou. Não foi nosso povo que deixou. Foi os colonizadores. Eles nos obrigou a falar o português. Nos obrigou, tirou tudo da gente. Então nós tamos hoje nessa luta da recuperação pra mostrar que eles não puderam, porque nossa resistência é bem mais forte, arrancar nossa raiz. Então, enquanto vários dizia que





no estado do Rio Grande do Norte não tinha indígena, nós “opa, estamos aqui. Quem disse que não tem?” Né? Então é algo que faz parte da nossa vida, do nosso corpo, da nossa alma. É a nossa língua nativa. Ela... isso é muito importante pra gente. Então é algo que sim, a gente precisa recuperar. Por isso que a gente luta até hoje pra que as escolas sejam regularizadas, pra que os profissionais sejam valorizados. Pra, justamente, pra esse fortalecimento da nossa língua nativa.

Só pra finalizar essa questão da importância do resgate, do fortalecimento de nossa língua. Justamente, pra fortalecer a nossa cultura, o nosso povo, né? Porque nos tempos que nós estamos vivendo hoje, com tanto retrocesso, com tantas retiradas de direitos. Se nós, povos indígenas, não estivermos cada vez mais fortalecidos nas lutas, na recuperação da nossa língua nativa, nas nossas ações, no nosso bem viver, com respeito à nossa natureza, com respeito a nossa mãe terra, aí os dias vão continuar mais difícil ainda. E tudo isso, esse respeito, essa língua nativa, esse cuidado com a terra, somos nós. Nós que sabemos cuidar, nós que sabemos valorizar, respeitar o nosso corpo, né? A terra pra gente é uma mãe, porque é dela que nós tiramos o nosso sustento, é dela que nós tiramos a nossa vida. Esse bem viver. Porque nosso corpo é como se fosse... o cuidado com a terra é como se a gente tivesse cuidando do nosso próprio corpo. Da nossa alma. Isso é muito importante pra gente. Então a recuperação da nossa língua, de tudo, da nossa cultura, tudo, dança, toré, isso tudo é muito importante. É você sair da invisibilidade. Porque ao longo dos anos nós vivemos num mundo invisíveis. Como se a gente estivesse invisível, não existisse. Então é uma forma de fortalecer cada vez mais a nossa cultura, o nosso povo indígena.



5) *Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Esse processo é um processo muito bem... com muito cuidado, através de pesquisas. A gente tem uns parentes que, aqui, o mais responsável por esse trabalho de pesquisa, que é o Josué, ele que faz esse trabalho de pesquisa da língua nativa. Nós estamos num grupo de outros parentes Tapuia, os Kariris, os Tapuia Payacu, os Xavantes... acho que é esse, se não me engano. Acho que é o brobó também. Então nós temos uma rede fora do nosso estado onde tá todos da região Nordeste, fazendo esse levantamento, esse resgate da nossa língua nativa. Então, assim, tem as pessoas que são fluente, mas tudo a nível virtual, sabe? Porque nós não podemos nos encontrar por causa da pandemia. É tipo um intercâmbio, sabe? E aí aprende, sabe? Através... eles mandam aulas, vídeos, falas, e com isso o nosso grupo aqui vai se aperfeiçoando e já vamos pra prática nas escolas. E o interessante, também, da nossa língua nativa, é que muitas falas, às vezes, que a gente fala já é nativo, né? E a gente achava que não era, mas já está, por exemplo, na nossa língua, o brobó. Muitas palavras. Algumas delas, por exemplo, a nossa fala natural, que às vezes pra muita gente é errado, mas é a nossa língua nativa. Por exemplo o *barrê*. Falar *barrê*, vixi Maria, é um erro de português gravíssimo, mas isso pra eles, pra os portugueses que vieram e que implantaram. Mas pra gente não é errado. *Barrê* está correto. Que vem de quê? Vem de barro: *barrê*, barro. Então, várias palavras, e é muito importante pra todos nós. Então, os grupos que a gente participa, por enquanto virtual, mas é muito



bom. Vai aprendendo uns com os outros e fazendo essa recuperação, esse resgate da nossa língua nativa.

Os estudos que a gente está desenvolvendo, nós mesmos e através com os nossos parentes, né? Porque assim, falando na igreja católica, em relação ao catecismo, a gente não aprende não. Porque isso tudo é muito pelo contrário. Eles querem nos apagar, então jamais eles vão falar. Não falam, não comunicam. Então a gente aprende na marra mesmo. Os nossos estudos é através dos nossos parente aqui junto com... é uma rede, sabe? É uma rede que nós temos em grupos de whatsapp, e com isso a gente vai fazendo nosso trabalho de pesquisa e aprendizado.

*6) Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Sim, sim, positivo. A nossa fala elas estão sim, a nossa língua ela também está presente na fala dos nossos encantados, dos nossos mestres. É muito interessante porque às vezes, nos rituais... também não é numa dança de um toré, mas em alguns rituais como por exemplo noite de lua cheia... o interessante é que a gente sente os nossos antepassados do nosso lado. A gente sente. E a gente fala exatamente a língua que eles querem que a gente fale. Isso é muito importante. A gente sente aquela vontade. Eu digo por mim, sabe? Eu nunca mais participei de um ritual em noite de lua cheia. Tem mais, todo mês tem no Katu. Aqui na nossa aldeia a gente só fez uma vez, ficamos de fazer outras vezes, mas veio a pandemia e a gente não fez. Mas no Katu, todo mês tem o toré, o ritual, noite de lua cheia, aquele



toré bem... sabe? E é a coisa mais maravilhosa do mundo. A gente vê, ouve depoimento do pessoal que tá lá e é uma coisa encantadora. De sentimento. É uma coisa de alma. Você se sente muito forte, uma energia muito positiva que nos rodeiam. Isso é muito importante.

*7) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

Bom, na minha comunidade, em relação à educação, a escola indígena, como eu já tinha dito lá anteriormente, nós não temos... a escola não é ainda regularizada. Mas não impede da secretaria de educação, junto com o prefeito, valorizar os profissionais indígenas da comunidade. Não impede, né? Enquanto a escola não é regularizada. Em São Gonçalo, na escola Georgina, eles tão com esse ponto na frente da Luís Cúcio, a escola da qual eu sou a gestora. Porque lá os profissionais todos são indígenas, acho que tem dois funcionários que não é indígena. Então é uma coisa fantástica mesmo, a aula, a forma, o formato... Já na nossa cidade, já puxando por Macaíba, se você vim aqui tá normal, porque tá faltando essa valorização. Está faltando esse nosso bem viver dentro da escola. Porque ainda não é implantado dentro da escola. Pela questão de... de política mesmo, né? Não digo nem política, mas de politicagem. Por não querer valorizar os profissionais. Por não querer fazer com que as coisas de fato aconteçam. Isso fica bem a desejar. Então, os professores da escola Georgina, todos são de lá, todos são indígenas, inclusive. Já o daqui, da Luís Curcio, não é. Hoje nós não temos nenhum professor indígena. Só temos o quê? A gestora e o pessoal de limpeza. Pronto. Tirando disso, não temos.



Então fica até difícil eu falar do papel da escola indígena e dos professores, mas o papel é esse. É conscientizar os curumins, é trabalhar, é recuperar a nossa língua, fazer roda de toré. Enfim, é fazer artesanato, é convidar os ancião pra vir contar história na escola. É tudo isso.



## DIEGO AKANGUASU - POTIGUARA/RN

1) *Fale-nos um pouco de você e de seu povo. Onde vivem, como é a relação que mantêm com o território e a história dos antepassados? Vivem em terra indígena demarcada pela FUNAI?*

Meu nome é Diego Akanguasu. Sou indígena “desaldeado”, de contexto urbano. Minha família é do território indígena do Baixo Vale de Ceará Mirim (Alto do Sítio, Rio dos Índios, Aningas). Sou licenciado em Ciências Sociais pela UFRN. Sou membro do OKARUSU-PYTÃ (grupo de estudos de idiomas e culturas nativas) e do Gamboa do Jaguaribe (Sítio Histórico e Ecológico). Desde 2012 que participo de mutirões de estudos de idiomas nativos com o povo Mendonça Potiguara. A partir de 2017 os estudos do idioma tupi antigo entraram pro currículo da Educação Escolar Indígena.

Sobre os Potiguara do território Mendonça: “O grupo familiar Mendonça se constituiu a partir de antecessores indígenas pertencentes às etnias Potiguara e Tapuia. Algumas famílias indígenas, de etnia potiguara, migraram do Brejo de Bananeiras – PB, a partir do século XVI, para o Rio Grande do Norte. O maior registro de migrações se deu a mais de dois séculos ocasionadas por situações de crise (epidemias de cólera, as secas, expansão colonial, etc.)<sup>4</sup>. Esses indígenas que vieram da Paraíba foram recebidos na comunidade, uma vez que já havia o contato entre os mesmos, e se uniram aos indígenas que já habitavam o Amarelão através de laços familiares/casamentos. O

---

<sup>4</sup> Cf. GUERRA, Jussara Galhardo Aguirres. *Identidade indígena no Rio Grande do Norte: caminhos e descaminhos dos Mendonça do Amarelão*. 1ª. Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.



Território Mendonça tem 6 aldeias localizadas em dois municípios da região do Mato Grande no Rio Grande do Norte, João Câmara e Jardim de Angicos: Amarelão, Serrote de São Bento, Assentamento Marajó, Assentamento Santa Terezinha, Açucena e Cachoeira/Nova Descoberta.”

*2) Além do português, qual a língua que seu povo fala? Hoje em dia, existem pessoas fluentes nesse idioma ou a comunidade ainda está em um processo de resgate da língua falada pelos antigos?*

No Rio Grande do Norte todos os indígenas falam a língua portuguesa e algumas comunidades iniciaram o processo de retomada do idioma materno, por exemplo, os Potiguara Mendonça (em João Câmara) e os Potiguara do Catu (em Canguaretama e Goianinha) estão revitalizando o tupi antigo.

O povo Tapuia Tarairiú de Taparará (em Macaíba) iniciou a retomada da língua brobó, idioma do tronco linguístico macrojê, porém ainda não foi inserida na educação escolar indígena.

*3) Além dos rituais, existe algum grupo ou atividade que trabalhe com palavras na língua dos antigos? Por exemplo, pessoas que façam cerâmica, redes e outros artesanatos, ou caçadores e pescadores possuem algum conhecimento da língua do povo que a comunidade em geral já não utiliza tanto?*

Caçadores, coletores e pescadores conhecem demasiadas palavras do idioma materno.



4) *Para você, qual a importância do resgate e do fortalecimento de uma língua indígena? Como isso colabora para a afirmação e identidade étnica de seu povo?*

O fortalecimento, revitalização ou retomada de uma língua indígena abre espaço para discussões profundas e necessárias sobre a construção violenta do que chamamos de República Federativa do Brasil. As violentas práticas governamentais, assim como as leis do “diretório pombalino” afetam até os dias atuais os povos nativos. Quando estudamos nossa história e percebemos as injustiças sentimos, além de tudo, força para amar e mudar as coisas. Quando retomamos uma língua originária acessamos um mar de informações que é nosso por direito e que nos conecta, imediatamente, com nossa ancestralidade, com nossas etnociências e todas nossas lutas.

5) *Como é o processo de fortalecimento e resgate da língua? Existem pessoas que ainda são falantes e ajudam nisso? Os estudos se desenvolvem a partir de registros escritos, como catecismos do período colonial, gramáticas e vocabulários?*

Inicialmente, estudávamos no prédio da ACA (Associação comunitária do Amarelão). Estudantes do grupo Okarusu-pytã participaram de alguns projetos da comunidade que priorizavam o estudo da língua tupi.

A partir do ano de 2017 o idioma materno (tupi antigo) foi inserido na educação escolar do território indígena Mendonça Potiguara.





Não há falantes nativos do idioma materno. Há pessoas em processo de retomada linguística. Utilizamos métodos de ensino-aprendizagem com o apoio de gramáticas (como a do professor Eduardo Navarro e dos Padres José de Anchieta e Lemos Barbosa) e materiais contemporâneos produzidos por grupos de estudos como o Okarusu-pytã e o CPB TUPI (clube poliglota brasil – tupi).

*6) Você poderia dizer se a língua ancestral é falada em contextos rituais? A língua que se estuda também está presente na fala dos encantados e dos mestres?*

Nas canções do Toré há algumas que são no idioma materno. Não há transe no Toré Mendonça Potiguara.

Há terreiro de Jurema Sagrada na Aldeia Amarelão, no TI Mendonça. Nessa religião indígena-afro-brasileira (a começar pelo próprio nome “Jurema”) há diversas palavras do idioma tupi. Até o momento não presenciei nenhuma entidade se comunicando através doutra língua que não seja a portuguesa.

*7) Qual o papel da escola indígena e dos professores da comunidade nesse processo?*

A escola e toda comunidade escolar tem um papel central, super importante no processo de retomada linguística. Na escola é onde podemos sistematizar saberes ancestrais e transformá-los em material pedagógico, assim



como fizemos no MIKÛATIATIMĨ: pequeno livro sobre saberes linguísticos do povo Mendonça Potiguara.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. ANDRADE (AKANGUASU), Diego Oliveira de; COSTA, Dioclécio Bezerra da; COSTA, Vânia Aparecida (org.). Mikûatimirĩ: Pequeno livro sobre saberes linguísticos do povo Mendonça Potiguara. Natal: Caule de Papiro, 2021.